

# Negociação com dois governos

No início quem passava pela Avenida das Nações (L4 Sul) não se dava conta de que, em frente da Embaixada do Iraque, na linha da quadra 816 Sul, se escondia uma pequena cidade com casas construídas em madeiras. A notícia da fixação do Acampamento da Telebrásilia trouxe a comunidade para perto da estrada e dos olhos de quem passa na L4 Sul. Por muito tempo, tudo o que se conseguia enxergar era o campinho de futebol.

Por lá moram descendentes e parentes dos operários da construtora mineira Camargo Correa, que ergueu as casas de madeira do acampamento em 1956, para abrigar cento e poucas famílias.

Em 1963, os antigos moradores ganharam novos vizinhos, os funcionários do Departamento Telefônico Urbano e Interurbano (-DTUI). Pouco tempo depois, o DTUI — que comprou as casas de madeira da Camargo Correa — mudaria de nome, Companhia Telefônica de Brasília, Cotelba. A partir dos anos 70, Telebrásilia.

Tudo ia mais ou menos bem até que, em 1989, a comunidade se organizou para legalizar sua permanência na área. Em 1991, o então deputado distrital Eurípedes Camargo (PT), autor do projeto de fixação, teve até o apoio dos deputados governistas para assegurar oito votos dos 13 necessários para derubar o veto governador Joaquim Roriz, contrário à fixação.

Mesmo com o projeto aprovado, nada mudou no cenário. Na mudança de governo, a Associação de Moradores voltou a negociar a fixação com o GDF. A comunidade recebeu apoio. Falta negociar com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), que é contra o acampamento e pretende preservar o lugar para fins de lazer, como previa o tombamento.